



TRANSPOSIÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES DE CANIBALISMO NA AMÉRICA PARA O “VELHO MUNDO”

Bernardo Antonio GASPAROTTO*
Gilmei Francisco FLECK**

RESUMO

Ao abordarmos as questões que envolvem choques culturais e a transposição de uma prática própria do contexto americano produzido no período da “descoberta” da América e primeiros contatos entre os povos, para a realidade europeia da época, não podemos nos furtar a explorar alguns cronistas e gravuristas que descreveram e realizaram a representações do que entendiam estar vendo ou travando contato, ainda que indiretamente. Para isso adotaremos obras produzidas por: Américo Vespúcio e algumas de suas Cartas, selecionadas entre os anos de 1500 e 1503; Hernán Cortés, também com um apanhado de Cartas, selecionadas entre 1519 e 1526; Bernal Díaz del Castillo, com Historia verdadera de la conquista de la Nueva España, de 1568; Jean de Léry e Viagem à Terra do Brasil, de 1578; Hans Staden e Suas viagens e captiveiro entre os selvagens do Brasil, de 1557; e Gabriel Soares de Sousa e seu Tratado Descritivo do Brasil em 1587. Nessa abordagem nosso interesse é trazer à memória as formas como reagiram os europeus frente às diferenças culturais existentes no choque entre as culturas, especialmente frente à prática do canibalismo por parte dos autóctones, e a forma como os europeus transmitiram, pela escrita e pelas representações imagéticas, essas experiências a seus conterrâneos. Assim realiza-se a análise de algumas gravuras que retratam o ritual de canibalismo e que acompanhavam os relatos produzidos pelos cronistas. Algumas dessas representações pictóricas foram realizadas pelos próprios autores, como é o caso de Hans Staden. Outros que retrataram a América, no entanto, limitaram-se à apropriação do que contavam alguns exploradores para, então, criarem imagens dessa prática sem terem contato direto com a cultura autóctone ou mesmo com o “novo” território. Este é o caso de Theodore de Bry, que se utilizou das gravuras de Hans Staden para fazer delas uma releitura, repleta de conceitos eurocêntricos e nos padrões estéticos adotados na Europa de seu tempo.

PALAVRAS-CHAVE

Antropofagia; Choques culturais; Literatura comparada.

* Graduado em Direito pela Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Cascavel; Letras Português/Espanhol pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Especialista em Arte e Educação pela UNIVALE. Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE/Cascavel. Mestre em Teatro e Artes Cênicas pela Universidade de Vigo na Espanha. Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE/Cascavel. Integrante do Projeto de Extensão: Estudos das Teorias Contemporâneas de Análise Literária, vinculado ao Programa PELCA. Membro do grupo de pesquisa: Confluências da Ficção, História e Memória na Literatura.

** Professor Adjunto da UNIOESTE/Cascavel na Graduação e Pós-graduação em Letras nas áreas de Literatura e Cultura Hispânicas. Pós-doutor em Literatura Comparada e Tradução pela UVigo/ Vigo-Espanha, com bolsa da CAPES, Doutor em Letras pela UNESP/Assis. Coordenador do PELCA: Programa de Ensino de Literatura e Cultura e coordenador do projeto de pesquisa “Ressignificações do passado na América: leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”. E-mail: chicofleck@yahoo.com.br

A prática da alimentação de carne humana como característica vinculada aos costumes de natureza autóctone é uma constante nos documentos oficiais produzidos pelos exploradores da América no decorrer da “descoberta” e dos primeiros contatos com os povos nativos no final do século XV e início do XVI.

Por meio de cartas, diários, relatos ou crônicas, os europeus que saíam do “Velho Mundo” em direção às novas terras, trataram de fecundar o imaginário de seus conterrâneos com todo tipo de informação, relatando desde o fato mais banal até descrições dos seres mais fabulosos que suas mentes delirantes poderiam imaginar. Tal processo se dava naturalmente, já que, ao se deparar com elementos não presentes em seu habitat de origem, os europeus buscavam referências no que já conheciam, seja por meio da literatura, ou pelo imaginário medieval, para, a partir disso, formar uma imagem do desconhecido que se apresentava diante de seus olhos materializada em palavras.

Muitos dos aventureiros que arriscaram suas vidas cruzando o oceano Atlântico, faziam-no por ordens dos reis, dos detentores do poder nos espaços em que estavam inseridos. Eram indivíduos contratados para descreverem o território desconhecido e relatarem os contatos mantidos com os novos elementos encontrados. Vários desses cronistas redigiam seus textos com o intuito de manter o interesse exploratório e civilizatório de seus contratantes, além de procurar criar uma justificativa, perante a população europeia (nobres, Estado e Igreja), para qualquer ato de truculência ou moralmente indevido que o sujeito colonizador poderia exercer naquele ambiente até então ignoto e potencialmente perigoso.

Com base nisto, povoou-se o “Novo Mundo”, na escrita dos cronistas e viajantes, com seres maravilhosos, como sereias e ciclopes (importados diretamente da literatura grega), com nativos perigosos, bárbaros e agressivos, que se alimentavam de carne humana, com tribos inteiras adeptas a tais costumes. Não tardou para que tal característica fosse generalizada e expandida. Quase que em sua totalidade o autóctone era visto como canibal, um desrespeitador das regras da guerra e das normas de convivência em sociedade, um partidário do amor livre que não tinha respeito por mãe, pai ou irmãos, além de ser descrente da ideia do Deus cristão. Ou seja, era considerado pelo colonizador como um povo que vivia em constante estado de pecado.

Uma das características mais marcantes que foi imputada à figura do indígena americano foi a de que o mesmo era um devorador de carne humana. Diversos textos, seja de natureza literária ou pictórica, produzidos pelos exploradores retratam o autóctone como praticante de tal ato. Até mesmo mapas foram produzidos, apontando locais em que estariam localizadas as tribos que possuíam esse hábito. Este fato era visto como um risco real ao europeu que buscava civilizar e salvar a alma dos nativos.

O canibalismo acaba por ser uma das temáticas mais marcantes nos relatos e reproduções pictográficas sobre a cultura do povo que habitava o “Novo Mundo”. Tal costume era representado como um ato bárbaro, primitivo e fortemente cruel, não sendo poupados nem mulheres e crianças quando da prática de tais rituais. Foi um dos elementos que mais promoveu o afastamento do estabelecimento de uma alteridade por parte do europeu em relação à cultura autóctone. A antipatia e a ojeriza foram incentivadas. Isso facilitou o livre processo de colonização do território e extermínio dos valores e mesmo indivíduos que não fossem convenientes para os propósitos econômicos e políticos dos portugueses e espanhóis.

Inegavelmente os primeiros registros de tal prática são estabelecidos por Cristóvão Colombo que em 26 de novembro de 1492, uma segunda-feira, realiza um registro em que menciona, segundo o testemunho dos indígenas, a existência de tribos que comiam carne humana:

Estimaba que la tierra que hoy vio de la parte Sudeste del Cabo de Campana era la isla que llamaban los indios Bohío [...]. Toda la gente que hasta hoy ha hallado dice que tiene grandísimo temor de los Caniba o Canima, y dicen que viven en esta isla de Bohío, [...] le parecía que aquellos indios que traía no suelen poblarse a la costa de la mar, por ser vecinos a esta tierra, los cuales dice que después que le vieron tomar la vuelta de esta tierra no podían hablar temiendo que los habían de comer, y no les podía quitar el temor, y decían que no tenían sino un ojo y la cara de perro, y creía el Almirante que mentían, y sentía el Almirante que debían de ser del señorío del Gran Can, que los cautivaban. (VARELA, 1986, p. 70).

Percebemos que há a busca por uma racionalização para o que afirmavam os autóctones, com a menção de que, se os prisioneiros não retornavam, era porque estes estavam sob a custódia do *Gran Can*, uma referência ao imperador das Índias, informação obtida pelas leituras realizadas por Colombo, de livros de viagem como o de Marco Polo. Fusão entre imaginação e realidade se estabelece novamente com a alusão do ciclope e de homens com cara de cachorro. Isso certamente serviu também para aguçar a curiosidade e o interesse dos europeus em tais terras, prevendo a promoção de financiamento para novas empresas exploratórias.

Além dos registros primeiros de Colombo, temos os de Américo Vespúcio, outro navegador, também geógrafo e cosmógrafo de naturalidade italiana, que ganhou renome graças a sua empreitada no “Novo Mundo”. Ganhou fama principalmente pela eloquência, liberdade expressiva e forma dramatizada com que reportava os acontecimentos em suas cartas para os reinos de Portugal e Espanha. Tais missivas eram endereçadas, ao contrário das escritas de Colombo – destinados à rainha Isabel – a receptores masculinos com quem o autor compartilhava certo grau de intimidade na condição de ser masculino e de relações de amizade.

Nessas se retratavam as impressões do explorador acerca dos hábitos, costumes e tendências morais e religiosas dos nativos com bastante liberdade de expressão.

No dia 18 de Julho de 1500, Vespúcio redige, em Sevilha, uma carta dirigida a seu amigo Lorenzo di Pierfrancesco de Medici. Tal texto apresentava-se com a pretensão de anunciar o “Novo Mundo”. Já em sua primeira carta percebemos a menção da existência de canibais, praticando o antropofagismo como um ato de natureza rotineira, de acordo como o exposto no fragmento dessa carta reproduzido abaixo:

[...] surgimos junto a la tierra obra de una milla, y equipamos los botes, y fuimos a tierra 22 hombres bien armados; y la gente como nos vio saltar a tierra, y conoció que éramos gente diferente de su naturaleza, [...] Y encontramos que eran de una generación que se dicen ‘caníbales’, y que casi la mayor parte de esta generación, o todos, viven de carne humana; y esto téngalo por cierto Vuestra Magnificencia. No se comen entre ellos, sino que navegan en ciertas embarcaciones que tienen, que se llaman ‘canoas’, y van a traer presa de las islas o tierras comarcanas [...] nos ocurrió muchas veces ver los huesos y cabezas de algunos que se habían comido, y ellos no lo niegan, y además lo afirmaban sus enemigos, que están continuamente atemorizados por ellos. (VESPÚCIO, S/D).

De maneira distinta de Colombo, Vespúcio afirma, e mesmo reforça, a existência do canibalismo entre tribos indígenas, inclusive reiterando a informação com a expressão “tenha por certo”. No trecho em observação não vemos uma clara marca de tomada de valor ou julgamento, pois, o que há nessa descrição é apenas o relato de um fato observado, bem como a reação das aldeias vizinhas aos mencionados canibais que, conforme lemos na carta, caracterizavam-se como inimigas desses autóctones e estavam “continuamente atemorizados por eles”. Com certo relevo se busca estabelecer a veracidade do que se está informando e, também, registrar a agressividade e o medo que os canibais exerciam e impunham no contexto em que estavam situados.

Outras produções também exploram a presença do canibalismo no “Novo Mundo”. Na Carta de Lisboa, endereçada a seu empregador Lorenzo del Medici, no ano de 1502, Vespúcio (S/D, p.123-124) aponta para a manutenção e perpetuação do estado de guerra entre as aldeias como uma espécie de forma de garantir uma fonte continua de material humano para a realização dos rituais antropofágicos, segundo:

São também belicosos e muito cruéis entre si. [...] Não têm ordem nenhuma em suas guerras, salvo seguirem os conselhos de seus velhos. Quando combatem, matam-se muito cruelmente, e a parte que sai vencedora do campo provê o sepultamento dos próprios mortos, e aos inimigos fazem em pedaços e os comem. Aos que capturam deixam-nos presos e mantêm-nos como escravos em suas casas [...].

Realça-se a característica da desorganização, bem como a crueldade no modo de combater dos autóctones nessas descrições do navegante italiano. O canibalismo é novamente mencionado em relação aos inimigos mortos em batalha, sendo que, pelas informações dadas por Vespúcio, os prisioneiros eram levados para a tribo vencedora onde eram mantidos como escravos, fato que aproximava a cultura dos nativos com aquela existente na Espanha pouco antes de 1492 entre cristãos e mouros.

Há ainda textos produzidos por Hernan Cortés, um conquistador de origem espanhola. Foi um explorador que alcançou renome por ter conquistado o território do que hoje é o México para a coroa espanhola; e Bernal Díaz del Castillo, natural da cidade de Medina del Campo, na Espanha. Este foi conquistador e cronista, escrevendo relatos sobre a campanha liderada por Hernan Cortés contra os Astecas, da qual participou ativamente.

Ao examinarmos os escritos de Cortés, há, em suas cartas escritas entre 1519 e 1526, diversas passagens que descrevem contatos travados com autóctones que praticavam o canibalismo. No compêndio intitulado *Cartas y relaciones de Hernan Cortés al Emperador Carlos V* (1866), que traz todas as cartas escritas pelo explorador espanhol, há um episódio que aponta para a forma como o mesmo reagia quando se deparava com indígenas adeptos a tal exercício:

En cierta parte desta provincia, que es donde mataron aquellos diez españoles, porque los naturales de allí siempre estuvieron muy de guerra y muy rebeldes, y por fuerza de armas se tomaron, hice ciertos esclavos, de que se dió el quinto a los oficiales de V. A.; porque, demás de haber muerto a los dichos españoles y rebelándose contra el servicio de V. A., comen todos carne humana [...]. Y también me movió a facer los dichos esclavos, [...] que si no hiciese grande y cruel castigo en ellos, nunca se emendarían jamás. (CORTÉS, 1866, p. 144).

Nessa passagem observamos não apenas o principal costume pelo qual o “Velho Mundo” abomina e demonizará todos os autóctones do continente, mas, também, notamos a ênfase no fato de terem matado dez soldados espanhóis. Em momento algum é afirmado que aqueles europeus foram devorados, apenas que foram derrotados em combate. No entanto, aproveita-se de tal episódio para vincular as duas práticas e justificar a escravização forçada dos que praticavam atos contrários ao domínio da coroa espanhola, uma vez que se não fosse promovido, nas palavras de Cortés, um “grande e cruel castigo” os “rebeldes” “nunca se emendariam jamais”.

Bernal Díaz del Castillo (1492-1585) – cronista oficial que acompanhava a comitiva de Cortés – em seus escritos também relata sua experiência nas terras do “Novo Mundo” ao descrever tal período como um momento em que imperou a violência e a morte. Presente no território que hoje é o México, travou contato com os Astecas e descreveu que os mesmos

atuavam como seus deuses o faziam em sua mitologia: comiam corações humanos e bebiam o sangue dos sacrificados. Nesse sentido, permitiu-se desenvolver a ideia de que o canibalismo realizava-se ali em função de preceitos religiosos, mas que também se caracterizava como um costume social instituído.

Em sua obra *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España* (1568), Bernal narra alguns episódios que vivenciou ao acompanhar a campanha de Cortés na conquista do Império Asteca. Uma das narrativas, conta sobre o regresso de dois soldados que haviam sido presos pelos autóctones e que conseguiram escapar:

[...] partimos otro día para Tlascalá; y yendo por nuestro camino, vinieron nuestros dos mensajeros que tenían presos, que parece ser que como andaban revueltos en la guerra, los indios que tenían a cargo y guarda se descuidaron y soltaron de las prisiones; y vinieron tan medrosos de lo que habían visto y oído, que no lo acercaban a decir, porque según dijeron, cuando estaban presos les amenazaban y les decían: Ahora hemos de matar a esos que llamáis teúles y comer sus carnes, y veremos si son tan esforzados como publicáis; y también comeremos vuestras carnes, pues venís con traiciones y con embustes de aquel gran traidor de Montezuma. (DÍAZ DEL CASTILLO, S/D, p. 21).

O que notamos no relato desse episódio é que o ato de se alimentar de carne humana é exposto por pessoas amedrontadas e que pouco compreendiam efetivamente do que os cercava, seja no que diz respeito à linguagem seja na conjuntura cultural. Com base no testemunho de tais indivíduos, relata-se como uma ameaça a prática do canibalismo. Talvez o mais significativo seja o fato de que é relatado o motivo que impulsionava o autóctone a tal costume, que seriam as traições e enganos que sofriam por parte dos europeus. Dificilmente são inseridas, nos textos que tratam do “descobrimento” e conquista da América, características viciosas por parte dos aventureiros advindos do “Velho Mundo”, como ventila-se, ainda que indiretamente, na passagem em questão.

Jean de Léry (1536-1613)– pastor e missionário calvinista, oriundo da França – é um modelo do tipo de “explorador” a que Montaigne se referia como apto a realizar apontamentos sobre os usos e costumes dos autóctones. Isso graças ao fato de ter vivido quase um ano no “Novo Mundo”, em um reduto francês na baía de Guanabara. Em sua obra *Viagem à Terra do Brasil* (1578), relata diversas práticas observadas na rotina das tribos com as quais teve contato.

Sobre a forma de fazer guerra entre os autóctones, esse pastor apresenta sua curiosidade e espanto por ser uma prática que se distancia, em seus fundamentos, da que se reproduz nos povos europeus, que as realizavam motivados, via de regra, por aumento de território ou para conseguirem súditos, escravos, ou para aferir lucro econômico. Em suas palavras o que notamos é que:

[...] os selvagens se guerreiam não para conquistar países e terras uns aos outros, porquanto sobejam terras para todos; não pretendem tampouco enriquecer-se com os despojos dos vencidos ou o resgate dos prisioneiros. Nada disso os move. Confessam eles próprios serem impelidos por outro motivo: o de vingar pais e amigos presos e comidos, no passado [...]. E são tão encarniçados uns contra os outros que quem cai no poder do inimigo não pode esperar remissão. (LÉRY, 1961, p. 145).

Ademais dos motivos distintos que impulsionam os autóctones para a guerra, percebemos a menção ao canibalismo, uma vez que são levados a tal prática belicosa para “vingar pais e amigos presos e comidos, no passado”. Ainda sobre o distanciamento em relação ao padrão europeu do que impele o indígena à batalha, também podemos ver a afirmação de Hans Staden (291): “Devoram o corpo do inimigo, não por carecerem de viveres, mas de ódio”, não se trata de busca de riquezas, território ou mesmo a existência da fome entre os integrantes da aldeia, o que os leva ao combate é a vingança, como também afirma Montaigne (2000), que não ocorria a contenda, como imaginam, com a finalidade de se alimentarem, mas, sim, como desagravo.

Léry, em seus apontamentos, também deixou registrado como o indígena procedia após a guerra ter terminado. Em relação ao indivíduo que não era morto, esse acabava por ser levado como prisioneiro até a tribo vencedora, onde passava pelo seguinte processo:

Logo depois de chegarem são não somente bem alimentados mas ainda lhes concedem mulheres (mas não maridos às prisioneiras), não hesitando os vencedores em oferecer a própria filha ou irmã em casamento. Tratam bem o prisioneiro e satisfazem-lhe todas as necessidades. Não marcam antecipadamente o dia do sacrifício; se os reconhecem como bons caçadores e pescadores e consideram as mulheres boas para tratar das roças ou apanhar ostras conservam-nos durante certo tempo; depois de os engordarem matam-nos afinal e os devoram em obediência ao [...] cerimonial. (LÉRY, 1961, p. 154).

Ainda que fossem impelidos por ódio ou vingança, o que também se apresenta é a manifestação prática de um pensamento utilitarista, em que se aproveita o prisioneiro para as atividades que possa melhor realizar. O mesmo é bem tratado, ponto em que se distancia do modo como se dava na Europa, alimentado e lhe é garantida a satisfação dos desejos primários. Mas, independente da forma como é conservado o aprisionado, tem seu destino selado: passa pelo ritual antropofágico, realizando seu papel ativamente, demonstrando força e vigor, sem apresentar medo, como faziam os brancos capturados, como se verificará nos textos estudados, que foram produzidos pelos próprios europeus.

A ideia de que todos os integrantes da tribo, e mesmo os visitantes, participavam no processo de canibalismo é reforçada por alegações como as transcritas por Gabriel Soares de

Sousa – agricultor e mercador português que escreveu a obra *Tratado Descritivo do Brasil* em 1587, na qual realiza apontamentos sobre as experiências vivenciadas nos mais de 17 anos em que se aventurou pelas terras americanas. Entre as descrições presente na obra está uma em que se mostra a partilha do corpo que será devorado:

Acabado de morrer este preso, o espedaçam logo os velhos da aldeia, e tiram-lhe as tripas e fressura, que mal lavadas, cozem e assam para comer; e reparte-se a carne por todas as casas da aldeia e pelos hóspedes que vieram de fora para ver estas festas e matanças, a qual carne se coze logo para se comer nos mesmos dias de festas, e outra assam muito afastada do fogo de maneira que fica muito mirrada, a que este gentio chama moquém, a qual se não come por mantimento, senão por vingança; e os homens mancebos e mulheres moças provam-na somente, e os velhos e velhas são os que se metem nesta carniça muito, e guardam alguma da assada do moquém por relíquias, para com ela de novo tornarem a fazer festas, se se não oferecer tão cedo matarem outro contrário. E os hóspedes que vieram de fora a ver esta festa levam o seu quinhão de carne que lhe deram do morto, assada do moquém para as suas aldeias, onde como chegam fazem grandesinhos para, com grandes festas, segundo sua gentilidade, os beberem sobre esta carne humana que levam, a qual repartem por todos da aldeia, para a provarem, e se alegrarem em vingança de seu contrário que padeceu, como fica dito. (SOUSA, S/D, p. 328).

Pela leitura do trecho do capítulo da obra de Sousa (1587) intitulado: “Em que se declara o que os tupinambás fazem do contrário que mataram”, realça-se o argumento de que se tratava de uma prática generalizada, não restrita a um estrato social ou mesmo a apenas uma tribo, mas, sim, que se espalhava por diversas delas que travavam contatos culturais diretos, e que nelas tal costume era visto como digno de nota, alegria e produção de festas.

Os posicionamentos que se desenvolviam na Europa, vinculados ao sentimento imanente sobre o território recém-“descoberto” e sua população, também foram representados em forma de gravuras. Cabe realizar um apartado em relação à forma como se desenvolviam aspectos voltados ao maléfico nas obras, bem como a que estaria ele vinculado. Para isso, observamos que em *Diálogos de la pintura*, de Vicente Carducho (1997, p. 404), determina-se que o maligno “se ocupa en todas las obras ruines, y despiadadas, los movimientos timidos, dudosos, y indeterminables”.

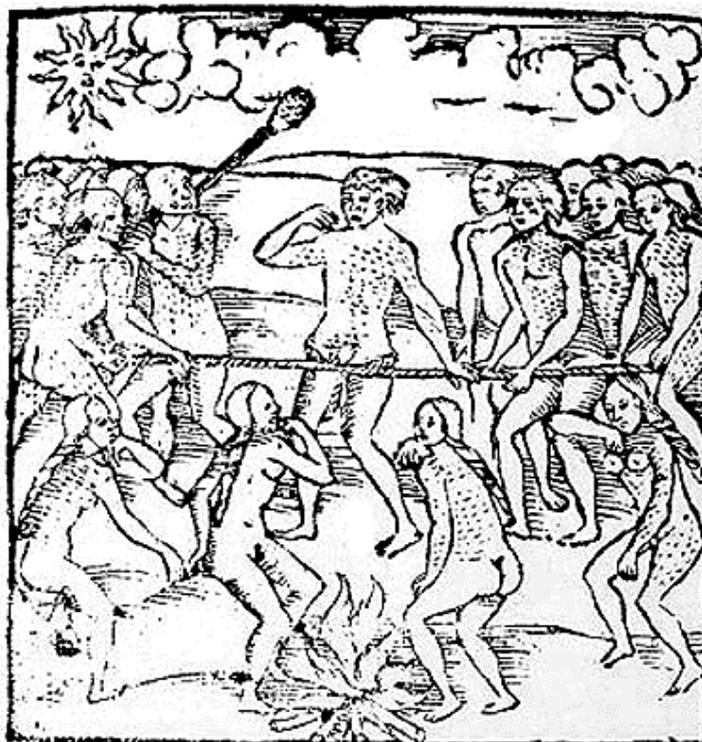
Diante disso, é válido apresentar um raciocínio desenvolvido por Roland Barthes (1992), segundo o qual toda a imagem é uma narrativa, conta uma história, produz um sentido e repercute um discurso. Na sequência observaremos algumas obras de Theodor de Bry (1590) em que se apresentam partes da história dos usos e costumes dos nativos americanos, dando especial atenção ao ritual canibalesco.

A obra *Narrationes Peregrinationum*, em que Bry apresenta suas impressões, foi dedicada a gravuras relacionadas aos usos e costumes das tribos americanas, produzidas a partir do ano de 1590. Nelas se utilizou o processo de gravar imagens em chapas de cobre, padrão adotado na Renascença. Theodor de Bry foi um belga nascido em 1528, ourives e editor, fugiu para a Alemanha para escapar de perseguições religiosas. Foi um dos primeiros e mais conhecidos autores que retrataram imagens dos contatos iniciais entre os povos nativos da América e os exploradores europeus.

Constatamos que não existem indícios de que Theodor de Bry tenha viajado ou travado contato direto com qualquer uso ou costume desenvolvido nas tribos do “Novo Mundo”. Ou seja, suas obras partem de uma impressão, de uma interpretação, daquilo que chegava até ele por meio de cartas, diários de viagem e gravuras outras (como as obras de Hans Staden). Destarte, podemos dizer que as produções de Theodor de Bry abordam, com base em sua imaginação e produções de terceiros, uma América com a qual nunca tenha se relacionado diretamente, descrevendo usos e costumes que não presenciou, baseados tão somente no imaginário desenvolvido na Europa do século XV e XVI e em leituras de relatos de viagem aos quais teve acesso. Ou seja, as obras de Hans Staden e as de Jean de Léry foram seus principais bancos de dados.

Assim, o que parece mais interessante é o fato de Theodor de Bry ter recriado uma narrativa que já estava eivada pela perspectiva de outro indivíduo, também europeu. Tal prática materializou a tradução da tradução, de algo que nenhum dos indivíduos relacionados ao explorador poderia compreender minimamente. Isso torna sua produção, enquanto representação da cultura do outro, um tanto inverossímil, uma vez que o que é apresentado em sua obra é uma versão europeia da América e repleta dos conceitos e ideologias existente no contexto em que o autor se encontrava inserido. Observemos uma primeira gravura realizada por Hans Staden e, em seguida, sua releitura, produzida por Theodor de Bry:

FIGURA 1. Hans Staden 1557. Auto representação no ritual antropofágico.



Disponível em: <<http://facadax.com/tag/hans-staden/>>. Acesso em: 15 de nov. de 2015.

FIGURA 2. Prisioneiro preso à mussurana, Theodore de Bry 1592.



Disponível em: <<http://wwwoficialjogos.blogspot.com.br/p/descobrimto-do-brasil-e-povos.html>>. Acesso em: 15 de nov. de 2015.

Nas duas imagens o que notamos é a representação de parte de um ritual antropofágico em que o sujeito que está para ser devorado encontra-se posicionado no centro (preso), enquanto os outros elementos se posicionam ao seu redor. Chama-se a atenção para a proporção adotada para o corpo humano, que segue o padrão renascentista (sete cabeças e meia), tal característica é ainda mais evidente na obra de Theodor de Bry.

Outro ponto em que se relacionam as duas obras diz respeito à coloração, uma vez que se trata de obras, gravuras, monocromáticas, buscava-se a produção de uma diferenciação entre as raças (branco e autóctone) pela tonalidade da pele, uma vez que o biótipo do corpo era produzido com vistas ao padrão estético utilizado na Europa, o que em nada é verossímil uma vez que os nativos, do que é hoje a América do Sul, dificilmente atingiam alturas comparáveis com as dos europeus.

Algumas distinções podem ser observadas, como a presença de uma oca na segunda imagem, ao fundo e centralizada. Segundo Maria Cândida Almeida (2002, p. 141), a existência de tal construção poderia servir para evidenciar “a oposição entre natureza e cultura, da qual a edificação humana é signo”, isto para tornar a apreciação da obra mais fácil para o público europeu. Deste modo, detalhes como uma construção que traz o que para eles seria uma aparente “cultura civilizada”, bem como o uso de padrões estéticos conhecidos, visam mais buscar a aceitabilidade do povo europeu do que a representação fidedigna de um episódio.

A presença de ornamentos e acessórios por parte dos autóctones na segunda gravura também é um diferencial, mostra-se uma preocupação por parte do artista em fazê-los presente. Enquanto na primeira obra, feita pelo próprio Staden, observamos apenas um cajado, na segunda, feita por de Bry, são vários elementos que chamam a atenção e aguçam o gosto pelo exótico e pitoresco por parte do público para o qual foi produzida. Mais uma vez aqui, ressalta-se a pouca preocupação de Theodor de Bry na manutenção do que é apresentado por Hans Staden em sua obra original, fato que reforça o caráter ficcional e comercial da gravura.

O elemento que mais chama a atenção quando observadas em sequência as duas gravuras é a imagem de Hans Staden. Na primeira ela é representada com um claro temor em seu rosto, seu aspecto é de alguém que está indefeso diante de uma turba que realiza um ritual e se encontra pronta para devorá-lo (uma gravura que retrata um episódio que o autor afirma ter vivenciado). Já na segunda, o branco ainda é o protagonista e se encontra em posição central, no entanto não é retratado como na primeira.

De Bry realiza uma interpretação tendenciosa ao colocar o elemento europeu como valente e sem qualquer receio, forte, com uma face ameaçadora e um movimento de braço e dedos imponentes, como quem, diante do ataque de bárbaros, responde com austeridade e

bravura. É o princípio europeu, que é representado no ato de apontar para os céus com a proteção de Deus e a autoridade intelectual, moral e espiritual ao seu lado. Tal posição da mão de Hans Staden é uma constante nas artes plásticas do renascimento, foi retratada em imagens de santos e grandes homens, por autores como Rafael de Sanzio (Jesus Cristo e dois anjos, em “A Ressurreição de Cristo”; São João Batista, em obra de mesmo nome; e Platão, em “Escola de Atenas”), e Leonardo da Vinci (São Tomé, na “Santa Ceia”; e São João Batista, em obra homônima). Nela, na segunda imagem, vemos o órgão sexual de Staden aparecer nitidamente representado por de Bry, enquanto na figura do próprio Staden ela é oculta, o que revela a intenção do segundo artista em dar destaque à masculinidade do modelo retratado.

Ainda cabe mencionar a postura das mulheres que circundam o europeu nas duas obras, enquanto na primeira se apresentam felizes, dançando e sorrindo, na segunda são representadas mais retraídas e mesmo com um semblante mais assustado. Em ambas, surgem como figuras de menor importância, como expectadoras do ritual, reduzindo-se a gesticular e observar, características típicas das mulheres inseridas no contexto do século XVI na Europa. Tal representação produz uma aproximação em relação ao gosto do público a que se destinava tal obra. Ou seja, o que se produz é uma adequação de fatos possíveis a um padrão estético ao qual devem ser adaptados para um público consumidor.

A figura de Hans Staden é imagem reproduzida constantemente nas gravuras de Theodore de Bry (por motivos óbvios, já que foi uma das principais fontes de informação com a qual o autor se deparou, sobre a temática que se dispunha a produzir). Via de regra, nessas representações, ele se encontra provido de barba, ora como prisioneiro, como no caso da gravura anterior, ora como espectador, mas, em todos os casos, posiciona-se de forma contrária ao costume da tribo em se alimentar de carne humana.

Tais características são observáveis na obra “Assado de Carne Humana”, de Theodore de Bry, produzida no ano de 1592. Nela apresenta-se um Hans Staden com longa barba, em uma imagem que repudia as práticas canibalescas dos autóctones, enquanto mulheres e homens de várias idades, inclusive uma criança, parece deleitarem-se ao comer diversas partes de um corpo humano, como podemos perceber ao observar essa representação a seguir:

FIGURA 3. Assado de Carne Humana Theodor de Bry 1592.



Disponível: <<http://enciclopediavisual.blogspot.com.br>>. Acesso em: 15 de nov. de 2015.

Esta gravura parece condensar várias das características que até o momento foram mencionadas: a presença de velhas decrépitas que lambem os dedos para não perderem absolutamente nada do que estão comendo (materializando a gula); sendo que a jovem que se encontra mais a frente, à esquerda, já aparenta desenvolver um ventre saliente, comendo um braço enquanto, com a mão esquerda, expressa um sinal de prazer e excitação agressiva.

Notamos que há mais de um corpo sendo assado, uma vez que o número de braços e pernas supera o par. Ao levar em consideração o número de participantes e a quantidade de carne existente, bem como o biótipo dos nativos (nenhum deles é retratado como fisicamente débil ou magro), verificamos que não se trata tão somente de falta de comida ou ocorrência de fome, mas, sim, procura-se transmitir a ideia do pecado e do prazer que comer um ser humano produz para aquele povo até então desconhecido, e que este deveria ser entendido como primitivo e descrente da figura do Deus cristão.

A presença da criança na gravura demonstra que a corrupção, o vício e o pecado estariam disseminados desde a tenra infância. Trata-se de um costume comum e rotineiro para aquele povo, do mesmo modo que andar nu e entregar-se aos desejos mais primitivos, hábitos

repudiados e passíveis de condenação eterna para aquela cultura europeia a quem as imagens se destinavam.

O canibalismo adotado pela cultura autóctone, como foi descrito nos textos e gravuras nos primeiros contatos, produzia como reação, para um indivíduo do “Velho Mundo”, repulsa, inconformidade e ira que podem ser observadas na imagem de Hans Staden.

Sua projeção imagética localizada mais ao fundo, onde observa, horrorizado, a cena, é outro elemento que merece ser mencionado. Como no caso da gravura anterior, o personagem apresenta a mesma posição da mão direita, como já mencionado, um sinal de autoridade moral e espiritual, ele parece repudiar e condenar a cena que está presenciando. A longa barba é outra marca constantemente reproduzida nas artes plásticas europeias da época, além de produzir um sentido de seriedade, percebemos que vários homens importantes e santos a tem, mesmo Deus, quando representado, o é com uma barba semelhante. Assim, reforça-se, ainda mais, o valor do elemento europeu e a condenação das práticas realizadas pelas tribos que habitavam o “Novo Mundo”.

Outra produção imagética que, nesse contexto, merece destaque é a xilogravura produzida no ano de 1505, por Johan Froschauer. Esta é constante das cartas produzidas por Américo Vespúcio. Ela reforça as ideias até aqui apresentadas sobre a perspectiva com que o europeu representava os hábitos dos autóctones americanos. Trata-se da primeira gravura a representar um ato de canibalismo na América:

FIGURA 4. Amerikaner de Johan Froschauer.



Disponível em: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Cannibalism_in_the_New_World_from_Vespucci.jpg>. Acesso em: 16 de nov. de 2015.

Tal obra ficou conhecida como a “Imagem do Novo Mundo”. Ela apresenta em seu conteúdo o que se pretendia que fosse entendido, por parte do público europeu, como rotina em uma aldeia americana. Tal efeito é alcançado graças à presença de homens, mulheres e crianças que vivem em aparente harmonia e paz, atuando sem exaltações, agindo de forma natural.

Ao observar-se atentamente a representação, vemos que essa vida habitual deixa de parecer amistosa, o que promoveria uma identificação com a cultura do “Velho Mundo”, uma vez que alguns desses nativos estão, na verdade, alimentando-se de outros seres humanos, pois aparecem devorando braços e pernas, enquanto parte de um corpo está sobre o fogo.

Nessa imagem também é apontada a chegada de duas caravelas europeias vistas no meio/centro em que se encontra tal agrupamento de “americanos”. Todos, mulher, homens e crianças são representados de forma tranquila e pacífica em relação ao ato de se alimentar de carne humana e também de conservá-la pendurada para posterior consumo. Compactuam e convivem desde a tenra infância com tal costume. Nada parece amedrontá-los, nem mesmo a aproximação de algo tão estranho e distinto ao seu contexto quanto às caravelas que chegam. Tamanha imparcialidade frente ao novo e ao estranho, ignorado devido à prática de seus costumes, afasta-os da aparência de um ser humano qualquer que, certamente, ficaria

amedrontado diante de algo tão raro e grandioso quanto poderia ser a chegada das embarcações europeias a seu contexto.

A representação feita dos “americanos” demonstra que o fato de os europeus estarem se aproximando de seu território não produz pânico ou desconforto aos autóctones, como se eles fossem já esperados, pois não se percebe na ilustração qualquer alvoroço ou sinal de atenção voltada às caravelas. Produz-se a ideia, no expectador da obra, de que os contatos se dariam de forma amistosa e nestes o explorador atuaria como elemento civilizador que apresentará aos bárbaros as estruturas sociais e morais necessárias à redenção. Desse modo, o elemento estranho à cultura representada leva consigo também a imagem de salvador das almas dos nativos canibais.

Diante das gravuras, dos relatos dos cronistas e demais textos trazidos ao longo desse texto, possibilitamos algumas observações sobre as representações e os efeitos de sentido produzidos por este material, elaborado por exploradores, cronistas e artistas europeus, sobre a prática do ritual de canibalismo, bem como de outros usos e costumes que mantinham alguma relação com a prática da antropofagia nas terras recém-descobertas além do atlântico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, M. C. F. **Tornar-se o Outro: o Topos Canibal na Literatura Brasileira**. São Paulo: Annablume, 2002.
- BARTHES, R. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1992.
- CARDUCHO, V. **Diálogos de la pintura**. Su defensa, origen, esencia, definición, modos y diferencias. Madrid: Ediciones Turner, 1997.
- CORTÉS, H. **Cartas y relaciones de Herman Cortés al Emperador Carlos V**. Imprenta central de los Ferro-carriles: PARIS, 1866.
- DÍAZ DEL CASTILLO, B. **Historia verdadera de la Conquista de la Nueva España**. Disponível em: <<http://biblioteca-electronica.blogspot.com>>. Acesso em: 22 de setembro de 2014.
- LÉRY, J. **Viagem à Terra do Brasil**. Biblioteca do Exército: Rio de Janeiro, 1961.
- MONTAIGNE, M. **Ensaaios**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- SOUSA, G. S. **Tratado descritivo do Brasil em 1587**. Livro Digitalizado. S/D. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=38095>. Acesso em: 03 de março de 2015.
- STADEN, H. **Suas viagens e captivo entre os selvagens do Brasil**. São Paulo: 1900.
- VARELA, C. **Cristóbal Colón: los cuatro viajes**. Testamento. Madrid: Alianza, 1986.

VESPUCIO, A. **Carta/ anunciando el Nuevo Mundo.** (1500). Disponível em: <<http://memoriapoliticademexico.org/Textos/1Independencia/1500ENM.html>>. Acesso em: 12 de janeiro de 2015.

TRANSPPOSITIONS OF REPRESENTATIONS OF CANNIBALISM IN THE
AMERICAN CONTINENT TO THE "OLD WORLD"

ABSTRACT: When approaching matters which involve cultural shock and the transposition, to an European reality of that time, of a practice specific to the American context produced in its period of “discovery” and the first encounters between different people, we must not forget to explore some chroniclers and illustrators who described and made representations of what they believed was seen and contacted, even if indirectly. For that much, we will adopt pieces produced by: Américo Vespúcio and some of his letters, selected between the years of 1500 and 1503; Hernán Cortés, also accompanied by letters, selected between 1519 and 1526; Bernal Díaz del Castillo’s *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, from 1568; Jean de Léry’s *Viagem à Terra do Brasil*, from 1578; Hans Staden’s *Suas viagens e captiveiro entre os selvagens do Brasil*, from 1557; and Gabriel Soares de Sousa and his *Tratado Descritivo do Brasil* in 1587. In this approach, our interest is to bring to memory the ways the Europeans reacted when facing the existing cultural differences and cultural shock, especially when facing the practice of cannibalism by the Autochthonous people. We also observe the way the Europeans transmitted these experiences to their compatriots through writing and through imagistic representations. Thus, we will perform an analysis of a few illustrations that represent rituals of cannibalism, which accompany reports produced by chroniclers. Some of these pictorial representations were performed by the authors themselves, in the case of Hans Staden, for instance. However, others have simply appropriated the reports of some explorers to, then, create images of such practices without having direct contact with the Autochthonous culture or even the “new” territory. That is the case of Theodore Bry, who used Hans Staden’s illustrations in order to make a reinterpretation, filled with Eurocentric concepts and according to the aesthetic standard of Europe of his time.

KEYWORDS: Anthropophagy; Cultural Shock; Compared Literature.